

André Laurentino

Meu amigo

Um dia eu acordei e meu casamento tomou um susto. Fiquei perdido aqui dentro; dentro de mim e de um apartamento vazio. Como não me encontrasse, resolvi procurar pelos outros. Incomodei alguns amigos, pai e mãe. E liguei para o Murilo.

Ele me recebeu em casa, numa tarde triste também. Bebemos café na sala e, para me distrair, ele disse: “Ajustei minhas caixas de som, estão uma maravilha”. Ouvimos o CD que por acaso estava no aparelho. Era ‘Insensatez’, de Tom Jobim. Um americano cantava quase sem acompanhamento. Now she’s gone away/ and I’m alone/ with a memory of her last look. Ouvimos até o fim. Foi a primeira e única vez que o vi chorar. Pela nossa amizade, pelo meu casamento, pela melodia, pela infeliz coincidência. Quando fui embora, ele disse: “Fica assim não, Dedé. Isso passa”.

Como sempre, eu acreditei – mesmo sem ter muitas razões. Mas eu tinha a sua opinião, e isso bastava. Não era o meu pai, mas era quase. Era o Murilo. Tratei de tocar em frente, escrevi um livro e uma poesia. O casamento voltou. Feliz. Tivemos uma filha, e ele estava certo. Aquilo tudo, que jamais parecia passar, passou.

Retomei minha vida e as nossas noites de quinta-feira na mesa 31. Ele acompanhando as fofocas que a gente levava, a babá que adoeceu, a vaga na garagem que não vinha, o namoro da jornalista. Nossa vidinha alheia e divertida há 14 anos. Para comemorar aquele seu acerto, veio a segunda gravidez. “ Em casa que mulher manda, mulher nasce. Dedé”. Acertou de novo. Outra menina.

De repente, no meio de tudo isso, na celebração da nossa festa de deliciosas implicâncias, a mesa ficou vazia. A vida alheia, tão nossa, andou solta da mãos. Não se pode descuidar no feriado que ela apronta.

Na última sexta-feira, há uma semana, foi à vez de ele ir embora. Perdi-me de novo, dentro de mim e de uma cidade vazia. Na minha infinita tristeza de ver tudo isso se perder, eu fico aqui me perguntando: quem eu procuro, meu Deus? Quem pode apascentar os pianos que gritam? Quem, para rir destas cifras?

Alguns desenhos, a plaquinha de reserva da mesa 31, muitas lembranças. Quando a saudade aperta, como agora, eu me fio a essas coisas; e me lembro daquela tarde. A tarde em que existia alguém em São Paulo capaz de me fazer acreditar que isso, essa falta enorme, também passa.

Como não pude encontra-lo em casa, vim buscar onde ele sempre esteve – numa página de jornal. Vá em paz, e leve este beijo de papel.

André Laurentino é murilense de Olinda.

Blog: www.andrelaurentino.blogspot.com

Guia O Estado de S. Paulo 18/05/07